



# HERDEIROS DO PORVIR

Ano XXVI - Nº 58  
Julho / Agosto / Setembro 2019  
Distribuição gratuita

**Os reis estavam  
ao alcance do povo**

Imperador Francisco I da Áustria sendo recebido pelo povo em seu regresso de Paris, em 16 de junho de 1814  
- Johann Peter Krafft. Galeria Belvedere, Viena.

# ATUAÇÃO DOS PRÍNCIPES

## D. Luiz de Orleans e Bragança

**8 de junho** – O Chefe da Casa Imperial do Brasil, Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança, felicitou a Seleção Brasileira de Futebol por vencer a Copa América, emitindo a seguinte mensagem: “Com júbilo recebi a notícia da vitória da Seleção Brasileira (...), conquistando seu nono título da Copa América. Recebam meus calorosos aplausos, extensíveis ao técnico Tite e a toda sua comissão técnica. Meu venerando trisavô, o Imperador D. Pedro II, sempre procurou favorecer e exaltar os jovens talentos de nossa Pátria. Seguindo seu exemplo, não poderia deixar de lhes manifestar minha alegria por ver a ‘Seleção canarinho’ – com suas cores verde e amarela – trazer para o Brasil mais este título, que vem se juntar a tantas e tantas outras glórias por nós obtidas no esporte. Que Deus Nosso Senhor os abençoe, e assim continuem a engrandecer o nome do Brasil no concerto das Nações”.



## D. Bertrand de Orleans e Bragança

**9 de maio** – O Príncipe Imperial do Brasil, D. Bertrand de Orleans e Bragança, foi um dos oradores do evento “A Revolução Cultural, o Governo Bolsonaro e a Legítima Defesa”, promovido pelo Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO), do qual é diretor, no Club Homs, em São Paulo. O principal palestrante foi o Deputado Federal Eduardo Bolsonaro, que falou para cerca de 700 pessoas sobre o passado, o presente e o futuro do governo de seu pai, Presidente Jair Bolsonaro, e em especial sobre a necessidade de se liberar o porte e posse de armas para o cidadão de bem no Brasil.



## HERDEIROS DO PORVIR

Publicação da Pró Monarquia,  
entidade civil sem fins lucrativos.

Rua Itápolis, 873 – CEP 01245-000 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3822-4764

www.monarquia.org.br – e-mail: herdeirosdoporvir@monarquia.org.br

**Diretor Responsável:** Osvaldo Rocco

**Jornalista Responsável:** Armando A. dos Santos (MTB 36265)

**Redator Chefe:** Geraldo Hélon Winter

**Diagramação:** Luis Guillermo Arroyave

**Impressão:** Grafilar – Gráfica e Editora do Lar Anália Franco



**13 de maio** – D. Bertrand participou do I Encontro Monárquico do Rio Grande do Sul, realizado por iniciativa do Círculo Monárquico desse Estado, no Hotel Plaza São Rafael, no centro de Porto Alegre.

O evento contou com a presença de cerca de duzentos monarquistas de todo o Estado. Após a abertura e a execução do Hino da Independência, revezaram-se no púlpito três oradores abordando assuntos históricos e da atualidade. D. Bertrand encerrou o Encontro exaltando a figura excelsa de sua bisavó, a Princesa Isabel.

**13 de maio** – Aproveitando sua passagem pelo Rio Grande do Sul, D. Bertrand, acompanhado de dois médicos e veteranos monarquistas gaúchos Drs. Fernando de Abreu e Silva e Aécio Beltrão, visitou a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, sendo recebido pelo provedor da instituição, Dr. Alfredo Guilherme Englert. Neste mesmo dia, avistou-se com o Presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul, Dr. Silveira Pereira, e membros da Diretoria.

**16 de maio** – O Comandante do 8.º Distrito Naval da Marinha do Brasil, Vice-Almirante Cláudio Henrique Mello de Almeida, recebeu D. Bertrand em almoço de confraternização na sede do distrito, em São Paulo, ocasião em que o presenteou com um Apito de Comando. Como se sabe, os principais eventos da rotina de bordo são ordenados por toques de apito e com o passar dos anos ele se tornou um distintivo de autoridade e mesmo de honra. Em combate, um oficial que usasse um apito preferia jogá-lo ao mar a deixá-lo cair em mãos inimigas.



**18 de maio** – D. Marisa Iorio, proprietária do Haras Lagoíinha, de Jacareí/SP, recepcionou D. Bertrand por ocasião do 11.º Leilão Celebidades, o maior do Brasil da raça Mangalarga. O Príncipe foi vivamente aplaudido após discursar para cerca de mil

pessoas. Em seguida a anfitriã, nomeada Primeira Madrinha da Jornada dos Príncipes (programa nacional de comemoração do Bicentenário da Independência), recebeu do Príncipe um broche com o Brasão de Armas do Império do Brasil.

**26 de maio** – Mais uma vez vários membros da Família Imperial se uniram a milhões de brasileiros nas ruas para defender o Brasil da corrupção e em favor de medidas anticrise que tramitam no Congresso. Em São Paulo, D. Bertrand discursou em cima de vários carros de som, enquanto no Rio seu irmão e nora, D. Fernando e D. Maria da Graça, acompanharam pelas ruas numeroso grupo de monarquistas empunhando a bandeira imperial. No dia 30 de junho saíram novamente às ruas, desta vez em favor do projeto anticrime do governo.



**22 de junho** – Com a presença de D. Bertrand, realizou-se em Bragança Paulista/SP o I Encontro Monárquico da cidade. Além do Príncipe,

A seguir um pequeno registro, apenas exemplificativo, das atividades dos príncipes nos últimos meses. Muito mais haveria a acrescentar, mas o exíguo espaço disponível não o permite. Convidamos os leitores a acompanhar a "Agenda dos Príncipes" no Facebook da *Pró Monarquia*.



palestraram para quase uma centena de monarchistas, entre outros, o Coronel da Polícia Militar do Estado Américo Mas-saki Higuti, e o historiador e professor Paulo Cruz. Os mantimentos angariados na ocasião foram doados à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) local.

**6 de julho** – D. Bertrand proferiu palestra no I Congresso da União Brasileira de Juristas Católicos, e da União Internacional de Juristas Católicos, em salão de eventos do Braston Hotel localizado no centro de São Paulo. Os cerca de 100 participantes ouviram com grande interesse as palavras do Príncipe, que abordou o tema "O Reinado Social de Nosso Senhor Jesus Cristo". Falaram também figuras de destaque no atual cenário brasileiro, como o Padre Luiz Carlos Lodi, a Deputada Federal Chris Tonietto, o jornalista Bernardo Küster e o Desembargador Ricardo Dip, entre outros.

**13 de julho** – Com a presença de D. Bertrand, realizou-se no salão nobre da Escola de Engenharia de Piracicaba (SP) o I Encontro Monárquico Cultural de Piracicaba, com a participação de cerca de 200 pessoas. Palestraram, pela ordem, o representante do Círculo Monárquico de Piracicaba/Barão de Resende, Sr. José Barbosa Leal Neto, o historiador e professor Armando Alexandre dos Santos, o advogado e professor Rafael Nogueira e o cientista político José Carlos Sepúlveda da Fonseca. O Príncipe proferiu conferência de encerramento.



**15 de julho** – Com o título "Considerações sobre Antropologia e Relativismo", foi realizada na Casa Imperial, com a presença de D. Bertrand, conferência do Prof. Laércio Fidelis Dias, doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor Doutor na

Universidade Estadual Paulista (UNESP). Cerca de 30 convidados estiveram presentes. O Dr. Laércio é monarchista e, estando na Capital, costuma frequentar as reuniões semanais da *Pró Monarquia*.

**17 de julho** – Por iniciativa do movimento Nação Real, realizou-se no Teatro Municipal de Santo André, com a presença de D. Bertrand, o I Encontro Monárquico do ABC Paulista. O evento, que contou com a participação de 200 pessoas, se iniciou com a execução do Hino da Independência, seguido pela apresentação do projeto "A Jornada dos Príncipes", feita pelo Prof. Malcolm Forest, o qual também foi o mestre de cerimônia. Em seguida falaram pela ordem o Dr. William Lago, o Dr. Dan Berg, o Prof. Paulo Cruz, o Prof. Rafael Nogueira e o Dep. Estadual Castello Branco e o Príncipe D. Bertrand, que no final foi cumprimentado pelas autoridades presentes, pelos organizadores do Encontro e por muitos outros participantes, que desejavam também tirar fotografias de recordação, ao lado do Príncipe.



## D. Antônio de Orleans e Bragança

**11 de maio** – Com a presença do Príncipe D. Antônio de Orleans e Bragança, realizou-se no auditório da Igreja de Sant'Anna do Rio de Janeiro, por iniciativa do Círculo Monárquico D. Luiz de Orleans e Bragança, o Príncipe Perfeito, o III Encontro Monárquico Fluminense, que reuniu cerca de duzentos monarchistas. Após a abertura dos trabalhos feita pelo Chanceler do Círculo Monárquico, Dr. Bruno Hellmuth, vários oradores se revezaram no púlpito durante toda a manhã. Depois de seu discurso de encerramento, D. Antônio concluiu o evento com um sonoro "Viva D. Luiz", seguido por todos, em homenagem ao Chefe da Casa Imperial.



**2 de julho** – O Círculo Monárquico D. Luiz de Orleans e Bragança, o Príncipe Perfeito, do Rio de Janeiro, ofereceu almoço comemorativo pelo transcurso do 69º aniversário de D. Antônio, ocorrido no dia 24 de junho. O evento ocorreu na Casa de Arte e Cultura Julieta de Serpa, no bairro do Flamengo, e dele participaram o Príncipe D. Fernando e a Princesa D. Maria da Graça, irmão e cunhada do aniversariante, o Embaixador Luiz Fernando Gouvêa de Athayde, 2º Vice-Chanceler do Círculo Monárquico, o Sr. José Geraldo Farjado, Secretário-Geral, a Sra. Penhair Carloti, Diretora Cultural, além de outros convidados.

## D. Eleonora de Orleans e Bragança

**12 de junho** – A Princesa D. Eleonora de Orleans e Bragança, quinta na linha de sucessão do trono brasileiro, e seu esposo, o Príncipe belga Michel de Ligne, receberam no Castelo de Beloeil, onde residem, o grupo brasileiro de dança folclórica Flor Ribeirinha, do interior do Estado do Mato Grosso. Vivendo na Bélgica desde seu casamento em 1981, D. Eleonora jamais se esqueceu das tradições de sua terra, e faz questão de sempre prestigiar e tornar conhecida a cultura brasileira junto à nobreza europeia.



# Os reis estavam ao alcance do povo

Muitas pessoas se equivocam ao acharem que os nobres levavam uma vida isolada do resto da população, e não se misturavam com os de baixa categoria, o que entretanto contradiz o conceito de nobreza. Se assim fosse, isso equivaleria às antigas castas do mundo pagão; ou seja, a caridade cristã lhes teria passado ao largo. E não podia ser verdade, pois a influência cristã a partir da Idade Média foi enorme, atingindo não só o povo simples, mas a sociedade como um todo. Em oposição a esta falsa ideia, eis alguns textos – extraídos do livro “A Volta ao Mundo da Nobreza”, de Leon D. Beaugeste (\*) – indicativos de quanto reis e nobres eram acessíveis ao povo.

São Luís IX, que governou a França de 1226 a 1270, tinha o costume de sentar-se às tardes à sombra do carvalho de Vincennes, para atender os pedidos que as pessoas do povo lhe queriam fazer. Qualquer camponês ou artesão podia aproximar-se do rei sem intermediários, e podia obter imediato atendimento a algum pedido que fizesse. Muitos séculos depois, o rei Luís XIV não desdenhava de receber pessoalmente em certos dias, nos jardins de Versalhes, quaisquer pessoas do povo que desejassem recorrer diretamente a ele.

São Luís tratava seus súditos com inteira familiaridade. O senescal Joinville afirma: “Todos os dias ele dava de comer a grande número de pobres, em sua própria casa, e várias vezes eu vi que ele mesmo lhes cortava o pão e lhes dava de beber”. Seria erro acreditar que estes eram traços limitados em particular à magnífica bondade de São Luís. Roberto o piedoso, entre outros, agia da mesma forma. Foi uma tradição, entre nossos antigos reis, a de se mostrarem acolhedores e beneficentes, sobretudo em relação aos pequenos e humildes.

Contrariamente ao que muitos imaginam, desde a Idade Média os reis sempre tiveram íntimo contato com seus povos. Os embaixadores venezianos do século XVI constatam, nos seus célebres despachos, que na França nenhuma pessoa era excluída da presença do rei, e as pessoas da classe mais baixa penetravam ousadamente em seu salão íntimo. O rei comia diante de seus súditos, em família, e cada um podia entrar na sala durante a

refeição. O próprio Luís XIV afirmou: “*Se há um caráter singular nesta monarquia, é o acesso livre e fácil dos súditos ao príncipe*”.

Locatelle escreveu em 1665: “Fui ao Louvre, onde caminhei com toda liberdade. Transpondo os diversos corpos da guarda, cheguei àquela porta que se abre – as mais das vezes pelo próprio rei – quando alguém nela toca. Basta tocar de leve, e logo se é introduzido. O rei quer que os súditos entrem livremente”.

Em Versalhes, andava-se pelo palácio como numa feira. Tudo permanecia aberto para qualquer um, e a única condição era a obrigatoriedade de portar uma espada, que podia ser alugada por pouco dinheiro. Luís XV, entrando certa ocasião no seu quarto, deparou com um senhor muito perplexo. Após ter-se perdido no dedalo de corredores, abriu uma porta qualquer. Sem encontrar nenhum oficial que lhe barrasse o caminho, vira-se nos aposentos reais. Pode-se imaginar a surpresa do rei e a confusão do visitante, que por honestidade queria a todo custo ser revistado. Um rapaz que trabalhava no palácio reconheceu-o como cozinheiro de um seu amigo, e o qualificou como o primeiro homem do mundo num *boeuf à l'écartate*. O rei lhe deu cinquenta luíses, para compensá-lo do susto.

Na época de Fernando VII, uma das grandes distrações populares era quando o rei voltava do passeio. O povo tinha então permissão para aproximar-se do soberano espanhol, indo até a chamada *meseta de los leones*, e podia mesmo conversar com ele e beijar-lhe a mão. Alguns aproveitavam para fazer-lhe um pedido, que o rei ouvia com atenção.

Era até mais fácil falar com o rei do que com os ministros. Depois de vários meses de tratativas com os ministros de Filipe II sobre um negócio importante, um aragonês resolveu expor seu assunto diretamente ao rei, que lhe disse:

- Lamento, mas o que o senhor pede é impossível.
- Fico imensamente agradecido a Vossa Majestade por essa resposta favorável.
- Espero que o senhor tenha entendido bem as minhas palavras: é impossível atender o seu pedido.
- É exatamente por isso que estou agradecendo. Os vossos ministros me disseram palavras vãs durante meses, fazendo-me



perder tempo e dinheiro. Vossa Majestade resolveu-me o problema com apenas duas palavras.

Fatos interessantes e ilustrativos também se davam no Brasil Imperial. Todo o mundo, sem exceção, podia ser facilmente admitido à presença de D. Pedro II, não se precisando para isso nem de vestuário apropriado, nem de bilhete especial, nem de qualquer declaração ou outra formalidade, e muito menos de empenhos de políticos ou de gente do paço. Bastava apresentar-se em palácio, declinar o nome, que era lançado num grande livro, e penetrar naquelas salas abertas a todos. Benjamim Mossé afirma: “Cada um pode apresentar-se como quiser, de casaca, de uniforme, de blusa, de roupa de trabalho; nem por isso deixa de ser recebido por Sua Majestade. O mais humilde negro, em chinelos ou pés descalços, pode falar ao soberano”.

Escragnolle Dória, conhecido historiador e escritor, confirma: Era só chegar e esperar a sua vez, certo de ser atendido. Cada qual trazia o seu interesse e dava o seu recado sem vexame, na sua gramática. O Imperador costumava referir-se a essas audiências públicas como “receber a minha família brasileira”. Certa vez, falava ao Imperador uma mulher de cor, já idosa, cabeça nua, mãos trêmulas, xale aos ombros, vestido de chita, sapatos e meias usados. Aproximou-se acanhada, dirigiu-se ao soberano, e no perturbado da exposição deixou cair papéis, sem dúvida de apoio à modestíssima pretensão. Apanhou-os o Imperador, restituiu-os e continuou a ouvir por muito tempo, despedindo a suplicante com um sorriso de bondade e gesto de encorajamento, ficando a segurar os documentos que ela lhe confiara.

O romancista Gustavo Aimard, que visitou o Brasil três vezes, escreveu sobre nosso País o livro “Brésil Nouveau”. Estava no Rio havia oito dias, em 1881, quando seu amigo Sohier lhe sugeriu que fosse ao Palácio da Boa Vista visitar o Imperador. Perguntou então qual seria a etiqueta. O amigo riu-se, e lhe deu a explicação:

— Nos sábados, as audiências imperiais são públicas, e duram de duas às cinco da tarde. Os candidatos a um encontro com o soberano entram no palácio, sobem ao segundo andar, atravessam uma longa galeria e entram na sala das audiências, sem ninguém para lhes embargar os passos.

— Então não há soldados, funcionários e guardas?

— Soldados, haverá uns vinte. Mas nenhum se ocupa de quem entra nem de quem sai.

Aimard narrou desta forma a entrevista:

Entre no palácio, subi uma larga escadaria atapetada, no alto da qual encontrei uma pessoa que imaginei ser um porteiro, mas que era um camarista. Perguntei-lhe onde estava o Imperador, e ele me indicou:

— Em frente, na segunda porta à esquerda.

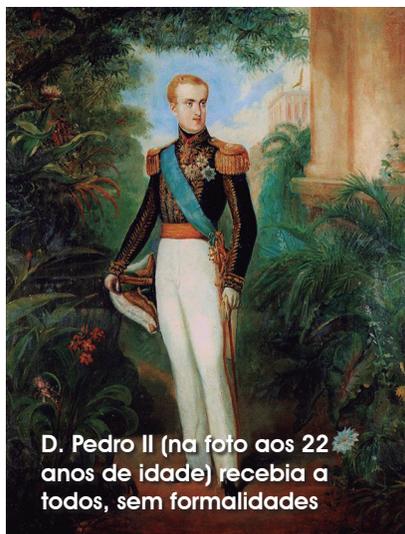
Atravessei um imenso salão, que parecia estreito por causa de seu extenso comprimento. Estava deserto, completamente sem móveis, não tendo nem mesmo um banco. Em compensação, as paredes se achavam cobertas de quadros, dos quais quase todos me pareceram de bons mestres e de várias escolas. Alguns deles chamaram minha atenção, parecendo-me de grande valor. Fiquei de tal modo absorvido por essas telas, que esqueci por muito tempo o que tinha ido fazer ali. Duas pessoas que saíam, conversando em voz alta, chamaram-me à realidade. Abri a porta que o desconhecido me tinha indicado, e achei-me noutro salão, este muito bem mobiliado, no qual se via uma meia dúzia de capuchinhos comodamente sentados, todos cochichando uns com os outros. Atravessei uma galeria bastante estreita, mas muito longa, cheia de gente. O Imperador se encontrava no fim da galeria. Reconheci-o logo pela sua elevada estatura, pela barba loura entremeada de fios de prata, e pela fisionomia sorridente.

O conde d’Ursel, secretário da legação belga no Brasil, aqui desembarcou em 9 de dezembro de 1873. Narra a visita a D. Pedro II: “Estava o palácio imperial aberto a todo o mundo, e os veadores do soberano acolhiam os visitantes com a maior cordialidade. Ao limiar daquele palácio, sentia-se que o dono da casa a todos recebia benévola e bondosamente. Era sábado, dia de audiência pública, por assim dizer, pois toda e qualquer pessoa era admitida a falar a D. Pedro II. Na extremidade da longa galeria avistei o Imperador vestido de preto, parando em frente a pessoa por pessoa, estendendo frequentemente a mão e ouvindo o interlocutor, sempre com visível atenção. Nada mais impressionante do que o espetáculo ao mesmo tempo simples e comovedor que eu tinha diante dos olhos. Havia pessoas de modesta posição, vestidas pobremente, esperando a vez para, sem intermediário algum, submeter ao soberano a sua petição. O Imperador, com benevolência e dignidade, deixa chegarem-se a ele todos dentre os seus súditos que têm uma reclamação a fazer ou um favor a pedir. É voz corrente que esta prática excelente serve por vezes de freio salutar aos funcionários que se deixam levar a arbitrariedades”.

(\*) Páginas 16 a 21. Por questão de espaço, evitou-se mencionar a rica bibliografia citada na obra. Os interessados poderão obtê-la na Petrus Editora, tel. (11) 3331-4522.



Era mais fácil falar com Filipe II do que com seus ministros



D. Pedro II (na foto aos 22 anos de idade) recebia a todos, sem formalidades



Paço Imperial, centro do Rio, onde D. Pedro II recebia “a minha família brasileira”

# Imperatriz Teresa Cristina, mãe dos brasileiros

LEOPOLDO BIBIANO XAVIER

Nos 46 anos em que viveu entre nós, realizou D. Teresa Cristina de Bourbon-Sicílias, esposa de D. Pedro II e nossa terceira Imperatriz, o perfeito protótipo de virtudes cristãs, pelo que lhe coube o título de “mãe dos brasileiros”, no consenso unânime dos corações.

Durante a viagem que nos trouxe a Imperatriz, adoeceu um oficial de um dos navios brasileiros. Ela exigiu então que lhe informassem minuciosamente sobre a marcha da moléstia. E quando soube que o estado do oficial era cada vez pior, mandou que parassem os navios. Em alto mar, deixando a nau capitânia, foi para bordo do navio onde estava o doente, a fim de ministrar-lhe seus cuidados. Ficou junto à cabeceira do oficial até que ele expirasse. Desde esse instante, verificaram os membros da comitiva imperial quão grande era o coração da nova Imperatriz.

A 3 de setembro de 1843, chegava ao Rio a esquadra que nos trouxe de Nápoles a Imperatriz Teresa Cristina, e no dia seguinte ela desembarcava com o Imperador, que havia ido recebê-la no navio.

As qualidades excelsas de D. Teresa Cristina sintetizam-se no cognome que lhe ficou, de mãe dos brasileiros, e resume-se na frase com que Benjamin Mossé encerra a notícia da sua chegada aqui: **Desde esse dia a caridade se assenta no trono do Brasil.**

Referindo-se a D. Pedro II e Dona Teresa Cristina, Machado de Assis conclui uma poesia com estes versos:

*Bem-vindo! — diz-te o povo, e a frase poderosa  
É como que fervente e triplíce ovação.*

*— Ouve-a tu, que possuis um anjo por esposa,  
Por mãe a liberdade, e um povo por irmão!*

Para que a auréola de sua esposa não fosse trocada pela coroa de espinhos, D. Pedro II aconselhou-a, com prudência e sabedoria, a limitar-se à sua dupla missão de esposa e mãe, e que nunca atendesse a pedidos de favores políticos de quem quer que fosse, pois para cada pretendente servido haveria dúzias e centenas de pretensões malogradas.

A Imperatriz assim fez. Sempre que se atreviam a importuná-la com pedidos de natureza política, dizia:

— Isso é lá com o Imperador.

D. Teresa Cristina rapidamente se adaptou ao novo ambiente. Seu completo alheamento em relação à política, sua generosidade para com os necessitados, seu sorriso terno e o trato sempre amável ganharam a admiração do povo. Ela se tornou a “mãe dos brasileiros”, e a mulher mais popular e mais respeitada em todo o Império.

A visita de D. Pedro II a Jerusalém, em 1876, foi um dos marcantes acontecimentos locais da época. Para só citar um exemplo, basta dizer que D. Teresa Cristina, conforme sublinham as crônicas,

foi a primeira imperatriz, depois de Santa Helena, mãe do Imperador Constantino, que pisou naquelas terras tão caras aos cristãos.

Durante a estada de D. Pedro II em Paris, D. Teresa Cristina dava recepções no salão do Grande Hotel. Enquanto ela recebia as senhoras, o Imperador ficava quase sempre num salão vizinho, com algumas personalidades das ciências e das letras, que Gobineau lhe apresentava. Se alguém perguntava pelo Imperador, ela respondia:

— Está com os doutores.

Ao tempo da proclamação da República, muito se havia zombado do Império, escarnecido o seu pessoal, envilecido o seu princípio essencial, infamado o Imperador nas pessoas dos seus antepassados. Não era possível fazê-lo nas pessoas da sua esposa e das suas filhas, cuja compostura e virtudes exigiam uma veneração à qual só um louco se poderia esquivar.

D. Teresa Cristina era respeitada por todos os partidos e pelos jornais de todos os matizes. Era extremamente caridosa. Quando teve de partir para o exílio, ficou desolada por não mais poder socorrer grande número de famílias

desprotegidas da sorte, que tinham sempre dela o apoio moral e financeiro. Que iria acontecer a essa pobre gente? O Governo Provisório comprometeu-se a não abandonar os pobres mantidos pela bolsa particular do casal imperial.

No angustioso momento da partida para o exílio, a Imperatriz chorava convulsamente. O Barão de Jaceguai a aconselhou:

— Resignação, minha senhora.

— Tenho-a, e muito. Mas a resignação não impede as lágrimas. E como deixar de vertê-las, ao sair desta minha terra que nunca mais hei de ver?

No dia 28 de dezembro de 1889, quarenta dias após o banimento da Família Imperial da nossa Pátria, morreu em um hotel de Lisboa a Imperatriz Teresa Cristina. Nos seus últimos instantes de vida, confidenciou à Baronesa de Japurá:

— Maria Isabel, eu não morro de doença. Morro de dor e de desgosto.

O historiador Max Fleiuss afirma: “Costuma-se dizer que o dia 15 de novembro foi uma revolução incruenta, feita com flores. Houve, porém, pelo menos uma vítima: a Imperatriz”.

Os jornais europeus comentaram a morte da Imperatriz. *Le Figaro* escreveu em 29 de dezembro de 1889: “A Europa saudará respeitosamente esta Imperatriz morta sem trono, e dir-se-á, falando-se dela: sua morte é o único desgosto que ela causou a seu marido durante quarenta e seis anos de casamento”.

No mesmo dia o jornal *Le Gaulois* afirmou: “Era uma mulher virtuosa e boa, da qual a História fala pouco, porque nada há de mal a dizer-se”.



# XXIX Encontro Monárquico Nacional

**R**ealizou-se no dia 8 de junho, no Salão Guanabara do Windsor Flórida Hotel, do Rio de Janeiro, o XXIX Encontro Monárquico Nacional, tradicional evento promovido anualmente. O *leitmotiv* deste ano foi “Quero o meu Brasil de volta”, bordão dos mais bradados nas últimas manifestações populares, e reuniu na antiga capital do Império cerca de 150 monarquistas vindos de todo país.

Abrilantaram o Encontro os Príncipes D. Bertrand de Orleans e Bragança, seu irmão D. Antônio e seu sobrinho D. Gabriel. Uma réplica da imagem de Nossa Senhora Aparecida, com o Brasão Imperial bordado no manto, cedida pelo Tenente-Coronel do Exército e Capelão do Comando Militar do Sudeste, Pe. Reni Nogueira dos Santos, reinou no ambiente durante todo o tempo.

O Príncipe D. Antônio fez o discurso de abertura, e em seguida palestraram o Prof. Ibsen Noronha (“A Monarquia e a vocação dos povos”) e a Deputada Federal Chris Tonietto (“O Reinado Social de Nosso Senhor e seu resgate pela política”). Após pausa para o almoço, o Príncipe D. Gabriel fez a reabertura dos trabalhos, falando em seguida o analista político José Carlos Sepúlveda da Fonseca (“Brasil: um só caminho, muitos desvios”) e o Dr. Guilherme de Faria Nicastro (“Palácio Guanabara: o confisco republicano”).

Na sequência foi apresentado o painel “Atuação Monárquica e Lideranças Novas”, no qual falaram o Dr. Pedro Afonso de Oliveira Murta, Presidente da Juventude Monárquica de MG, o Sr. Matheus Guimarães Aguiar Azevedo, assessor do Príncipe D. Antônio, o Sr. Lucas Gelásio Mörschbacher, do Círculo Monárquico do RS, e o Dr. Ricardo Martinelli de Medeiros, Chanceler do Círculo Monárquico do ES. Dado interessante mencionado neste painel, somente em 2018 ocorreram 312 eventos monárquicos no Brasil.

Na sequência, D. Bertrand fez a conferência de encerramento, e saudou a todos, em nome do Chefe da Casa Imperial do Brasil, Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança. Seguiu-se a entrega dos diplomas aos participantes.

Na manhã do dia seguinte, como de costume, foi celebrado o santo sacrifício da Missa no Outeiro da Glória, por intenção do Chefe da Casa Imperial, e em seguida serviu-se almoço no mesmo Salão Guanabara do Windsor Flórida Hotel.



D. Antonio abre os trabalhos



Deputada Chris Tonietto



Jornalista José Carlos Sepúlveda da Fonseca



Dr. Guilherme de Faria Nicastro



Dr. Ibsen Noronha



D. Gabriel reabre a seção da tarde



D. Bertrand faz o discurso de encerramento



Cortejo de saída da Santa Missa



Almoço em comemoração do aniversário de D. Luiz

# COISAS DA REPÚBLICA

NÚMERO AVULSO 40 RS.

Impressão e layout das páginas feitas em Belo Horizonte, na Tipografia de Cláudio de Freitas, de propriedade de Jorge S. Mendes

NÚMERO AVULSO 40 RS.

Incorporação especial no Edital nº 1/1989 de 20 de março de 1989, sob o nº 100/89

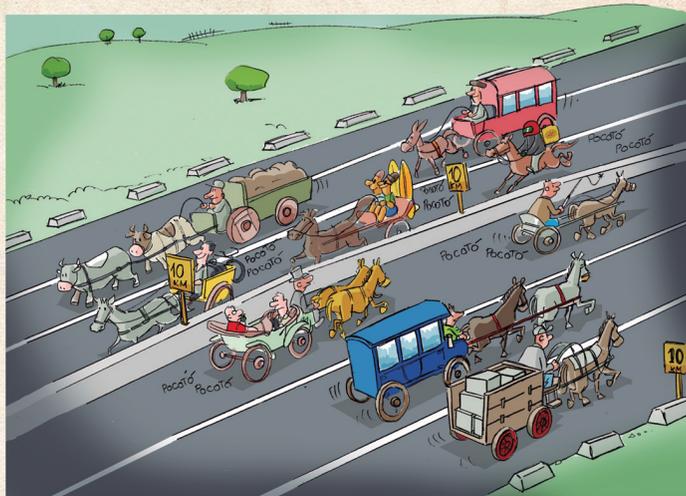
Tiragem 24.000 exemplares

Incorporação especial no Edital nº 1/1989 de 20 de março de 1989, sob o nº 100/89

DESDE 15 DE NOVEMBRO DE 1889

## Voltemos às carroças!

Somente as multas referentes a “excesso de velocidade”, em 2018, transferiram dos bolsos dos brasileiros para os cofres republicanos mais de 11,3 bilhões de reais, quantia fabulosa tratando-se de infrações de trânsito. Sem dúvida, a estratégia transformou-se num dos negócios mais rentáveis da face da terra: é só armar o “pardal” numa curva ou em trecho onde a velocidade cai bruscamente para 30 ou 40 km/hora, e esperar o dinheiro jorrar nos cofres governamentais. Enquanto ruas e estradas estão mal sinalizadas e esburacadas, estas sim causadoras de muitas mortes, sobra tecnologia para os paraísos. Tal montante indica que talvez nenhum dos cerca de 65 milhões de motoristas tenha escapado dessa pegadinha. Tudo em nome da segurança no trânsito, a qual na verdade não passa de uma forma das mais perversas de tirar dinheiro do povo, transformando-se na famigerada “indústria da multa”. Se ficou decretado pelos burocratas republicanos que a velocidade é a causadora de tantas desgraças, que se volte então à época das carroças.



## No fim da fila



# BNDES

As trágicas consequências do uso político dos bancos estatais talvez se estendam por gerações inteiras. Por manipularem dinheiro público, BNDES, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal deveriam se valer de todas as garantias para que os recursos voltassem com segurança a seus cofres. Mas as ingerências políticas na direção dessas instituições falaram mais alto e hoje, com o pedido de recuperação judicial da Odebrecht, cerca de R\$ 17 bilhões poderão ficar para as calendas gregas. Numa lista infindável de credores, esses bancos ficaram no fim da fila, correndo sério risco de não receberem nada. Com relação ao BNDES a situação é ainda pior, pois obras financiadas em países como Venezuela, Cuba e Angola, executadas pela própria Odebrecht, dificilmente serão pagas. Mas como um banco estatal não pode falir, alguém terá que cobrir o rombo, e adivinhem quem será o felizado? Sim, o depauperado contribuinte brasileiro.

## O que é COSIP?

Se fizermos essa pergunta à população, por certo a quase totalidade não saberá responder. Pois bem, significa Contribuição para Custeio do Serviço de Iluminação Pública e vem lá escondidinha na conta de luz de todo mundo. O valor é pequeno – R\$ 9,51 em São Paulo –, mas não é isso que interessa. Ocorre que nossa desleal República, em todos os níveis de governo, oprime seus cidadãos com vários tipos de cobranças, algumas sutis, como esta manifestamente ilegal, pois “a COSIP – nas palavras do advogado especializado Rodrigues Dantas Coelho – é uma nova tentativa de a Administração Pública impor a transferência de uma de suas obrigações básicas aos contribuintes, vez que o Judiciário pátrio declarou a inconstitucionalidade do custeio de tal serviço pela cobrança de taxa”. Enquanto nosso paquidêmico e arqui-republicano STF não julga concretamente a COSIP, o contribuinte brasileiro toma mais esta na cabeça! Em Portugal antigo, mesmo nos tempos da monarquia absoluta, um rei não podia criar um imposto novo ou mudar a destinação de um imposto antigo sem convocar Cortes gerais e consultar a população.



## Coisas da Monarquia

“O Céu é uma Monarquia Divina,  
e o Inferno uma República Socialista”.

(Dito popular)